



ARTISTAS E PSICANÁLISE
TRADUÇÃO DO ORIGINAL:
KÜNSTLER UND PSYCHOANALYSE,
DE HERMANN HESSE

DOI: <https://doi.org/10.4013/con.2023.193.09>

Gabriel Rodrigues da Silva

Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

gabriel-rs@outlook.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-7235-2668>

Silvana Colombo de Almeida

Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

sil_colal@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2627-2923>

Era de se esperar que especialmente os artistas rapidamente fizessem amizade com a psicanálise, essa nova e tão frutífera abordagem. Muitíssimos, como neuróticos, podem já ter se interessado pela psicanálise. Mas, ademais, havia no artista mais tendência e disposição para aventurar-se em uma psicologia fundamentada de forma completamente nova do que havia na ciência oficial. Para o genialmente radical, o artista é sempre mais fácil de conquistar do que o professor.

Para o artista individual, na medida em que não estava satisfeito em incluir o assunto como um novo tema de discussão na cafeteria, rapidamente surgiu o esforço para aprender, também enquanto artista, com

a nova psicologia — ou melhor, surgiu a questão de saber se e em que medida os novos insights (*Einsichten*) psicológicos beneficiariam a própria criação.

Em sua aplicação às obras dos poetas, bem como para a observação da vida cotidiana, a fecundidade da nova doutrina se evidenciou sem quaisquer dificuldades. Tinha-se mais uma chave — não uma chave mágica absoluta, mas sim uma nova atitude valiosa, uma nova ferramenta primorosa, cuja utilidade e confiabilidade estavam se provando rapidamente. Não penso nos esforços histórico-literários individuais, que fazem da vida do poeta uma anamnese tão detalhada quanto possível. Por si só, as confirmações e correções experimentadas pelas percepções (*Erkenntnisse*) psicológicas e pelas suspeitas sensíveis de Nietzsche foram extremamente valiosas para nós. O incipiente conhecimento (*Kenntnis*) e observação do inconsciente, a mecânica psíquica interpretada como repressão, sublimação, regressão etc., resultaram em uma clareza do esquema que, sem quaisquer dificuldades, pareceu plausível.

Mas se, em certa medida, é óbvio para todos e fácil de praticar a psicologia, a aplicabilidade dessa psicologia para o artista ainda permaneceu bastante duvidosa. Assim como tampouco o saber (*Wissen*) histórico sobre poesia histórica, botânica ou geologia tornou possível retratar paisagens, tampouco pôde a melhor psicologia científica ajudar na representação dos seres humanos. Vimos como os próprios psicanalistas em toda parte utilizaram a poesia do período anterior, pré-analítico, como documentos, como fontes e confirmações. Desse modo, o que a análise havia reconhecido e formulado cientificamente sempre foi sabido pelos poetas. Sim, o poeta mostrou-se como representante de um modo particular de pensamento que, na verdade, contrariava completamente o pensamento analítico-psicológico. Ele era o sonhador, o analista era o intérprete dos seus sonhos. Assim, podia o poeta, com toda sua participação na nova ciência da alma (*Seelenkunde*), ter outra escolha a não ser continuar sonhando e seguir os chamados de seu inconsciente?

Não, ele não tinha outra escolha. Quem não foi previamente um poeta, quem não sentiu da vida anímica a estrutura interna e a pulsação, não podia ser feito intérprete da alma por nenhuma análise. Ele só podia aplicar um novo esquema, podia com isso surpreender talvez por um instante, mas não aumentar substancialmente suas forças. A compreensão poética dos processos anímicos permaneceu como de costume um assunto de talento intuitivo, não analítico.

Entretanto, a questão não está acabada. De fato, o caminho da psicanálise também é capaz de promover significativamente o artista. Ainda que esteja errado em converter a técnica da análise em uma técnica artística, ele acerta em tomar seriamente a psicanálise e acompanhá-la. Eu vejo três confirmações e reforços, os quais emergem da análise para o artista.

Primeiro, a confirmação profunda do valor da fantasia (*Phantasie*), da ficção. Se o artista se observa analiticamente, assim não lhe permanece oculto que dentre as fraquezas das quais ele padece, há uma desconfiança contra sua profissão, uma hesitação sobre a fantasia (*Phantasie*), uma voz alheia em si que justifica a concepção e a educação burguesas, e todas as suas ações pretendem contar “apenas” como uma bonita ficção. Mas é precisamente a análise que ensina cada artista veementemente como é do mais alto valor o que ele na época era capaz de apreciar “apenas” como ficção, e o lembra ruidosamente da existência de exigências anímicas fundamentais, bem como da relatividade de todos os padrões e avaliações autoritárias. A análise confirma o artista diante de si mesmo. Ao mesmo tempo, sua posição o libera para atividades puramente intelectuais na psicologia analítica.

Esses benefícios do método podem ser experimentados mesmo por quem o conhece de fora. Os outros dois valores, no entanto, só são revelados àqueles que experimentam a análise da alma profunda e seriamente em sua própria pele, para quem a análise não é uma questão intelectual, mas uma vivência. Quem contenta-se em obter alguns esclarecimentos sobre seu “complexo” e, por ora, ter algumas informações formuláveis sobre sua vida interior, deixa escapar os valores importantes.

Quem que tenha percorrido seriamente o caminho da análise, a busca de origens anímicas a partir de memórias, sonhos e associações, terá como um ganho duradouro o que se pode chamar de “relação mais íntima com o próprio inconsciente”. Ele experimenta um vai (*Hin*) e vem (*Her*) mais caloroso, mais frutífero, mais apaixonado entre o consciente e o inconsciente; leva para a luz muito do que de outra forma permanece “subconsciente” (*unterschwellig*) e só acontece em sonhos despercebidos.

E isso novamente está intimamente ligado aos resultados da psicanálise para o ético, para a consciência (*Gewissen*) pessoal. Acima de tudo, a análise faz uma grande exigência fundamental, de cuja evasão e negligência logo se vingará, cuja picada é muito profunda e deve deixar resquícios duradouros. Ela exige uma veracidade contra si mesmo, à qual não estamos habituados. Ela nos ensina a ver, reconhecer, examinar e levar a sério o que acabamos de reprimir em nós com grande sucesso. Logo nos primeiros passos que se dá na análise ocorre uma experiência poderosa, imensa, um abalo nas raízes. Quem resiste e segue em frente se verá passo a passo mais isolado, mais afastado das convenções e pontos de vista costumeiros, se sentirá compelido a perguntar e duvidar, o que não cessará diante de nada. Em contrapartida, vê-se ou pressente-se surgir mais e mais a imagem inexorável da verdade, da natureza, atrás dos bastidores desmoronados da tradição. Pois somente no autoexame intensivo da análise, um pedaço da história do desenvolvimento é realmente vivenciado e permeado pelo sentimento sangrante. Via pai e mãe, via camponês e nômade, via macaco e peixe, a origem, a vinculação e a esperança dos seres humanos não são vivenciadas em nenhum lugar de forma tão séria e devastadora quanto em uma psicanálise séria. O

aprendido torna-se visibilidade, o conhecido pulsação, e à medida que os medos, constrangimentos e repressões se dissipam, o significado da vida e da personalidade se eleva mais puro e exigente.

Ninguém deve sentir esse poder educativo, exigente e estimulante da análise de forma mais vivificante do que o artista. Pois ele não está preocupado com a adequação mais confortável possível ao mundo e seus costumes, mas com a singularidade do que ele próprio significa.

Entre os poetas do passado, alguns estavam muito próximos de conhecer os princípios essenciais da ciência analítica da alma (*Seelenkunde*), sendo o mais próximo Dostoiévski, que não só seguiu intuitivamente esses caminhos antes de Freud e seus alunos, mas também já possuía certa prática e técnica dessa espécie de psicologia. Entre os grandes poetas alemães está Jean Paul, cuja concepção dos processos anímicos mais se aproxima desta de hoje. Além disso, Jean Paul é o exemplo mais brilhante do artista para quem o contato constante e confidencial com seu próprio inconsciente se torna fonte eternamente frutífera de uma intuição profunda e viva.

Para concluir, citarei um poeta que costumamos contar entre os idealistas puros, mas não entre os sonhadores e os de natureza introspectiva, mas sobretudo entre os artistas fortemente intelectuais. Otto Rank descobriu pela primeira vez a seguinte passagem como uma das mais surpreendentes confirmações pré-modernas da psicologia do inconsciente. Schiller escreve a Körner, que se queixa de distúrbios em sua produtividade: “O motivo de suas queixas, parece-me, está na compulsão que seu entendimento impõe a sua imaginação. Não parece ser bom, parece ser prejudicial às obras de criação da alma quando o entendimento escrutina ainda nos portões, por assim dizer, as ideias que afluem. Considerada isoladamente, uma ideia pode ser muito insignificante e muito aventureira, mas talvez se torne importante através de uma que vem depois dela, talvez possa fazer um vínculo muito útil em certa conexão com outras que talvez pareçam tão absurdas quanto; tudo isso o entendimento não pode julgar a menos que as retenha tempo suficiente para olhar para elas em conexão com essas outras. No caso de uma cabeça criativa, por outro lado, parece-me, o entendimento retirou sua guarda dos portões, as ideias (*Ideen*) irrompem em *pêle-mêle*, e só então ele avalia e examina o grande monte.”.

Aqui, a relação ideal entre a crítica intelectual e o inconsciente é expressa de forma clássica. Nem repressão do bem que afluí do inconsciente, da ideia (*Einfall*) incontrolada, do sonho, da fantasia lúdica, nem dedicação constante à infinitude amorfa do inconsciente, mas escuta amorosa das fontes ocultas, e só então crítica e seleção a partir do caos — assim todos os grandes artistas trabalharam. Se alguma técnica pode ajudar a cumprir essa exigência, é a psicanalítica

(Escrito em 1918).

Referências

HESSE, Hermann. Künstler und Psychoanalyse. *Almanach der Psychoanalyse*. Internationaler Psychoanalytischer Verlag: Wien, 1926, p. 34-38.

Recebido em: 24/01/2023

Aceito em: 04/12/2023